

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

JORGE FERNANDES: UMA VISÃO MODERNISTA  
DE NATAL NOS ANOS 20

MARIA CAROLINA MOTTA DA ROCHA

NATAL

2003.2

MARIA CAROLINA MOTTA DA ROCHA

## NATAL DOS ANOS 20 POR JORGE FERNANDES

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, ministrada pela professora Denise Mattos Monteiro, do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Professor Doutor Humberto Hermenegildo de Araújo.

NATAL

2003

Às pessoas que amo e as que acreditam em mim.

## AGRADECIMENTO

*ao meu* Agradeço a Deus que me ofereceu esta oportunidade, à minha família e namorado que me ajudaram em todos os passos e as pessoas que de uma forma ou de outra não me deixaram desistir.

*“Nada de postiço, meloso, artificial, arrevesado, precioso: queremos escrever com sangue – que é humanidade; com eletricidade – que é movimento, expressão dinâmica do século; violência – que é energia bandeirante. Assim nascerá uma arte genuinamente brasileira, filha do céu e da terra, do homem e do mistério(...). Tudo isso – e o automóvel, os fios elétricos, as usinas, os aeroplanos, a arte – tudo isso forma os nossos elementos da estética moderna, fragmentos de pedra com que construiremos dia a dia, a Babel do nosso sonho, no nosso desespero de exilados de um céu que fulge lá em cima, para o qual galgamos na ânsia devoradora de tocar com as mãos as estrelas”.*

*(Menotti Del Picchia)*

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 O BRASIL INSPIRADOR DO MODERNISMO	10
1.1 Café: a Economia Modeladora da Política	10
1.2 A Sociedade Revelada na Cultura Modernista	15
2 A CIDADE QUE ABRIGAVA ANSEIOS DE UMA VIDA CULTURAL	19
2.1 A Economia Geradora do Ideal Modernista: o Algodão	19
2.2 O Cotidiano de uma Cidade Modernista	22
3 A VANGUARDA MODERNISTA DE JORGE FERNANDES	35
3.1 O Modernismo na Natal dos anos 20	35
3.2 As novidades Modernistas do <i>Livro de Poemas</i>	38
CONCLUSÃO	45
FONTES E BIBLIOGRAFIA	47

## INTRODUÇÃO

A partir de uma perspectiva interdisciplinar, este trabalho caracteriza-se como uma tentativa de estabelecer uma relação entre dois tipos de compreensão da realidade, quais sejam: a construção historiográfica e a construção literária, considerando-se um momento específico da história do século XX, sobre o qual as duas áreas distintas do conhecimento lançaram um olhar. Trata-se, especificamente, da década de 20, período denominado no senso comum como “os anos do Modernismo”, no Brasil. No caso específico deste trabalho, pretende-se verificar como, através do movimento modernista, um poeta registrou o processo de modernização da cidade do Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, no contexto mais geral de modernização do Brasil. Tal processo iniciou-se, contudo já a partir do final do século XIX. Segundo Micael Herschmann e Carlos Alberto Messeder, destacam-se os seguintes fatos no Brasil daqueles anos:

A partir da promulgação da constituição republicana de 1891, evidenciam-se ondas de institucionalização que visavam a implantação de um universo cognitivo modernizante que, [...] libertaria o Brasil de seus resquícios rurais-coloniais. (HERSCHMANN; PEREIRA)<sup>1</sup>

Nesta conjuntura, a associação entre as idéias de novo, progresso, ruptura e revolução com as noções de moderno e modernidade vai se firmando no momento de aceleração da industrialização e de consolidação internacional do capitalismo.

Segundo Le Goff<sup>2</sup> a associação entre antigo e moderno está ligada à história do ocidente durante o período pré-industrial. Em meados do século XIX, transforma-se com o aparecimento do conceito de modernidade que “[...] constitui uma reação ambígua da cultura à agressão do mundo industrial”. Le Goff afirma ainda que, na segunda metade do século XX

<sup>1</sup> LE GOFF, Jaques. Antigo/moderno. Citado em HERSCHMANN, Micael M; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. (Org). A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 12.

<sup>2</sup> LE GOFF, Jaques. Antigo/moderno. In: Ibid. p. 14-15.

generaliza-se no ocidente a idéia de modernização. O modernismo, no contexto da modernização social em processo, é um movimento cultural determinante para a compreensão da inusitada experiência da modernidade. Ainda segundo Le Goff:

[...] a passagem do século XIX para o XX, movimentos de ordem literária, artística e religiosa, são rotulados de modernismo – termo que marca o endurecimento de tendências modernas até então difusas. O encontro entre países desenvolvidos e atrasados leva para fora da Europa Ocidental os problemas da modernização, que se radicalizam depois da Segunda Guerra Mundial. Na área cultural ocidental, aparece um novo conceito, que se impõe no campo da criação estética, da mentalidade e dos costumes: a modernidade. (~~LE GOFF~~ in ~~HERSCHMANN; PEREIRA~~)<sup>3</sup>

Tais conceitos ocupam amplo espaço no campo intelectual, constituindo-se em palavras de ordem significativas no começo do século XX. No Brasil, este fato está presente, especialmente ao longo dos anos 20 e 30, quando afirmar-se “moderno” é tentar assumir um lugar prestigiado no debate científico e artístico.

O início do século XX no Brasil foi marcado por uma série de transformações no campo político, econômico, social e cultural. Já no final do século XIX, as transformações exigidas pela industrialização, abolição da escravatura, desenvolvimento das redes de transporte e imigração exigiram da população um novo estilo de vida. No entanto, a revolução tecnológica e científica é freada pela posição dependente do país, que é marcado pelas desigualdades:

[...] as grandes cidades não se transformam em focos de modernização das regiões interioranas, sim são palcos da conciliação entre os interesses rurais e mercantis. Os núcleos urbanos do interior continuam a funcionar como meras extensões do domínio senhorial inserindo-se as populações urbanas no sistema de clientela. (COSTA)<sup>4</sup>

<sup>3</sup> LE GOFF, Jaques. Antigo/moderno. Citado em HERSCHMANN, Micael M; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. (Org). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 14-15.

<sup>4</sup> COSTA, Emilia Viotti da. *Da Monarquia a República: momentos decisivos*. 4. ed. São Paulo. Brasiliense, 1987. p. 196.

qual é o  
contexto?

A problemática referida também se manifestou no Rio Grande do Norte, onde as mudanças se fizeram sentir de forma gradual, visto que o Estado ainda possuía características provincianas. No entanto, as transformações vieram com a desagregação entre a esfera cultural e o poder político, relação essa que até então, se dava com o patrocínio da produção cultural local pelos políticos. O advento da cultura algodoeira fomentou mudanças de ordem econômica. A urbanização se fez necessária para o transporte do produto e estimulou o caminho para a modernização de Natal.

Para um melhor entendimento dessas transformações na sociedade natalense, faz-se necessário estabelecer a relação entre as mudanças exigidas pela modernização da cidade e a produção literária dominante na época.

Neste sentido, destaca-se no cenário cultural do Rio Grande do Norte a principal obra do poeta Jorge Fernandes (1887-1953): o *Livro de poemas*, lançado em 1927. Esta obra foi precursora do movimento modernista na capital potiguar, além de apresentar através da poesia uma visão sobre as mudanças ocorridas na cidade do Natal durante a década de 20, motivo pelo qual este trabalho apresenta uma leitura da referida obra. Para melhor exemplificar o modo como se representavam as imagens da sociedade natalense no período em que o modernismo se estabelecia, fez-se necessário o conhecimento da obra do poeta e dos influxos que o mesmo recebeu do processo de modernização da sociedade da época, com destaque para a grande produção cultural do país e para a efervescência literária do estado.

Para a leitura da poesia jorgeana, a pesquisa terá como base dois principais autores que se debruçaram de forma significativa sobre tal poesia. Humberto Hermenegildo de Araújo e Francisco das Chagas Pereira. Este terá como objeto de estudo a sua obra *Leitura de Jorge Fernandes*, publicada em 1985, que aborda sistematicamente a poesia de Jorge Fernandes, colocando de forma sucinta a sua interpretação para cada poesia.

Abordando de forma diferente, Humberto Hermenegildo, propõe uma leitura da recepção do modernismo na capital potiguar, que teve como seu maior expoente Jorge Fernandes e seu *Livro de Poemas* fazendo para isso, também uma leitura da poesia jorgeana relacionada com as significativas mudanças que se processavam em Natal. Para base de pesquisa em tal autor, foram usadas as suas principais obras sobre o modernismo norte-rio-grandense como *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte* e *O Lirismo nos Quintais*

*Pobres: a poesia de Jorge Fernandes* entre outras obras do mesmo autor, que serão devidamente destacadas no decorrer do trabalho.

Haja vista a presença da interdisciplinaridade exigida pelo tema, a análise tomou como eixo o campo cultural e social, com as necessárias relações advindas dos campos político e econômico, visando um panorama característico da sociedade potiguar da época.

Em uma divisão mais detalhada do tema, a primeira parte do trabalho abordará o contexto histórico brasileiro onde se desenvolvia o processo de modernização. A segunda parte apresentará a análise cultural da sociedade natalense, destacando o cotidiano da cidade relacionando-o com tal processo. Em uma terceira parte, apresentará algumas poesias jorgeanas com seus respectivos elementos modernistas.

Diante do que foi apresentado, sugere-se que o poeta potiguar incorporou o ideal modernista na cidade do Natal, colocando em suas obras o verdadeiro sentido desse movimento - a brasilidade, ou seja, a originalidade através da representação do elemento nacional. Segundo José Luiz Ferreira, “[...] Jorge Fernandes resolve de forma significativa a problemática imposta pelo artista: fazer pulsar na obra de arte a “verdade” da realidade cultural brasileira[...]” (FERREIRA)<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> FERREIRA, José Luiz. *O Modernismo na província: divulgação e produção poética*. In: ARAÚJO, Humberto Hemenegildo de (Org). *Histórias das letras: pesquisas sobre a literatura no Rio Grande do Norte*. Natal: Scriptorim Candinha Bezerra, Fundação José Augusto, 2001. p.91.

## CAPÍTULO 1

### O BRASIL INSPIRADOR DO MODERNISMO

Momento de “descoberta do Brasil”[...], os anos 20-30 testemunharam desde o anarquismo irônico da semana de 22 até a tirania autoritária do Estado Novo. (HERSCHMANN: PEREIRA)

#### 1.1 Café: a economia modeladora da política

O período que vai do último quartel do século XIX ao começo dos anos 20, no Brasil, é de profundas e rápidas transformações sociais e políticas. A abolição da escravatura em 1888 e a proclamação da República em 1889 haviam aberto o sinuoso caminho para a construção de uma nova sociedade capaz de absorver novas idéias. Saía-se do escravismo e ingressava-se no processo de construção de uma sociedade do tipo capitalista urbano-industrial.

Entre 1889 e 1930 vive-se a República Velha, que ficou marcada pela presença das oligarquias regionais e pela fraqueza do poder central. É a crise desta estrutura política, econômica, social e cultural que marcará a vida brasileira durante a década de 1920, culminando com a Revolução de 30. A partir de então, começava-se a implementar não apenas uma nova ordem republicana, mas, sobretudo, um novo modelo de um Brasil moderno.

No contexto sócio-cultural dos anos 20, o projeto para a construção de um Brasil moderno articulado pela elite científica se consolidava a partir da superação do pragmatismo para se efetuar a produção do saber legítimo. Tal atividade e intervenção da elite científica na sociedade se justificavam por um projeto amplo de reconstrução da nação através do progresso. A pretensão então foi a de legitimar um programa social de modernização que se implementava de forma autoritária e elitista.

Um bom exemplo desse processo foi a remodelação urbana do Rio de Janeiro realizada por Pereira Passos, o então prefeito da cidade no início do século, que teve como ponto

principal de sua administração a proibição de construção de estalagens e cortiços na cidade e de casas térreas num amplo perímetro que englobava o centro e os bairros ao sul. Primeira capital da República, o Rio de Janeiro foi alvo de numerosas reformas urbanísticas que visavam estabelecer uma geografia urbana e social excludente, alicerçada na distribuição dos espaços e propriedades privadas de seus diversos segmentos sociais em bairros diferentes e distantes. No entanto, as favelas surgidas já na Primeira República multiplicaram-se no centro e nas zonas norte e sul, driblando o poder público. Tal plano criava avenidas colocando abaixo, casas e ruas condenadas como insalubres, constituindo-se assim o espaço moderno, através da expulsão dos trabalhadores para favelas e subúrbios.

O advento da República possibilitou às largas camadas da elite dominante do país ascensão ao poder, visto que durante o império tal fato dependia do grau de submissão existente entre a corte e os senhores de terra e plantadores de café com interesses comerciais. A República também fomentou a ascensão das oligarquias locais ao poder e conseqüentemente ao domínio da máquina administrativa, característica do coronelismo.<sup>6</sup> Em muitos estados a federação representará a tomada do poder por grupos familiares, poderosos donos de terras, que utilizavam o Estado como agência distribuidora de favores:

O nepotismo constituía-se em um dos instrumentos mais eficazes para a reprodução do poder político local, não só através do emprego de familiares diretos, como através de apaziguados e clientes, o que de forma simultânea garantia a solidariedade pessoal e o controle eficaz sobre a máquina política<sup>7</sup>. (MENDONÇA)

A constante intervenção do governo na política do café trouxe conseqüentes desgastes econômicos para o país. Somando-se a isso os movimentos populares contra a República como

<sup>6</sup> Forma específica de poder político brasileiro que floresceu durante a Primeira República, cuja raízes remontam o Império. Este título originou-se dos títulos da Guarda Nacional criada após a independência para defender a constituição pelo policiamento regional e local. Os chefes locais mais prestigiosos ocupavam os postos de Coronéis. Ainda com sua extinção após a Proclamação da República, tal denominação permaneceu sobre os possuíam o poder político local. Conferir em AZEVÊDO, Antônio Carlos do Amaral. Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 125.

<sup>7</sup> MENDONÇA, Sônia Regina de. Estado e Sociedade: a consolidação do Estado Oligárquico. In: LINHARES, Maria Yedda. (Org). *História Geral do Brasil*. 8 ed. Rio de Janeiro: Ed. Campus, cap. 6, p.212.

Canudos, na Bahia e o Contestado no Paraná, que desenvolveram um ideal de cunho salvacionista, o Messianismo,<sup>8</sup> e a crise mundial que chegou ao Brasil em 1895.

// No Nordeste a crise atinge o setor açucareiro, em particular Pernambuco. A intervenção do governo através do investimento no setor técnico das usinas somou-se à crise de mão-de-obra existente na região desde os últimos anos de escravidão. Com isso, a pressão é exercida sobre o campesinato através do avanço dos latifúndios sobre as suas terras. Tal processo, em particular entre 1890 e 1920 explica em parte, os movimentos messiânicos no Nordeste. //

// A década de 1920 no Brasil assistiu uma grave crise econômica e política que só teve seu fim com a instalação do Estado Novo em 1937. Tal crise teve dois momentos: um primeiro nos anos 20, com a contestação do poder da burguesia, e em um segundo momento uma crise de hegemonia, <sup>em juízo</sup> onde nenhuma classe obteve o controle total do aparelho do Estado, crise esta, instaurada por motivos ligados a questões políticas nos diversos setores da sociedade.

A concentração de atividades econômicas em certas áreas geograficamente definidas iniciou o processo de formação de uma estrutura regional de classes. As oposições entre as regiões se intensificaram em detrimento dos próprios setores da burguesia - agrário, comercial, financeiro e industrial. Somando-se a isso tais grupos não desenvolveram interesses políticos em conjunto.

A relação entre os setores da burguesia pode ser exemplificada com simultaneidade de oposição e solidariedade entre a burguesia exportadora e a industrial no setor cafeeiro. Enquanto as atividades industriais relacionadas ao café se desenvolveram em São Paulo, existia um freqüente poder de ação nas mãos do fazendeiro, do intermediário e do industrial. Em nível de Estado essa relação entre os setores revelava-se nas políticas públicas em defesa do interesse agroexportador. Dessa forma, os industriais constituíram uma fração de classe com interesses específicos, no entanto limitados e aceitando a oposição de alguns parceiros.

A crescente disputa passou então a ser entre a burguesia industrial e os setores médios urbanos, setores esses que sempre estiveram associados às diversas alterações da aliança política dominante até a revolução de 1930. As intervenções de tais setores na vida política do

<sup>8</sup> Termo usado para caracterizar movimentos sociais que têm por base a convicção da chegada de um enviado divino destinado a criar condições no mundo capazes de garantir a justiça e a paz entre os homens. Via de regra aparecem em sociedades nas quais o descontentamento é profundo e as condições de vida penosas. Conferir em AZEVEDO < Antônio Carlos do Amaral. 1999. p.304.

Brasil

no

Brasil

Tem a estrutura

Brasil 20 ou 40?

em Pernambuco

país só aconteceram devido à existência de dissidências dentro do próprio bloco de poder, tais como: economia escravagista versus economia exportadora; produtores exportadores capitalistas versus coronéis controlando latifúndios improdutivos e ainda alianças políticas regionais versus processo de centralização do Estado.<sup>9</sup>

De acordo com Paulo Sérgio Pinheiro, as classes médias conseguiram interferir no processo político da Primeira República, apesar de suas limitações. A formação dessa classe se baseia principalmente por elementos originários de grupos oligárquicos tradicionais pertencentes à burocracia civil e a militares. O que <sup>em</sup> por parte explica a campanha civilista e o tenentismo<sup>10</sup>.

Quanto ao movimento operário, seu papel foi secundário visto que possuía um caráter parcial e limitado, representando um pequeno setor. Outro fator delimitou a organização do setor: a predominância dos imigrantes que objetivavam apenas a ascensão social. Essa limitada força enfrentou a aliança da classe dominante que a reprimia e recusava direitos trabalhistas. Apesar das dificuldades e falta de organização, o movimento teve seu maior impulso entre 1917 e 1920, no período de agitação do pós-guerra. Portanto, a década de 1920 vai corresponder ao desenvolvimento do movimento com a ajuda dos anarquistas e do partido comunista.

Impossibilitados de manifestação política, os segmentos urbanos encontraram apoio na reorganização das alianças entre as classes dominantes. As rebeliões tenentistas foram o exemplo dos questionamentos sobre o pacto político, desenrolando seus interesses também nas oligarquias do Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro quando se uniram contra a candidatura do eixo Minas Gerais / São Paulo, formando a reação republicana.

Quando a rebelião militar ultrapassou o âmbito do urbano com a Coluna Prestes, os segmentos oligárquicos procuraram se realinhar através da garantia de prestígio ao governista

<sup>9</sup> Um bom exemplo do modo como esta conjuntura propiciou debates, inclusive na área das letras, aconteceu em Pernambuco, através da polêmica entre "modernistas" e "regionalistas". Conferir em AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba. 1984.

<sup>10</sup> Movimento militar brasileiro que, através de várias rebeliões desencadeadas no período de 1922-1930, pretendeu derrubar, pelas armas, três governos e os sistemas políticos que os sustentavam. Entre os objetivos dos jovens militares estava o desejo de implantação de medidas que consideravam necessárias para moralizar o país, tais como voto secreto, o ensino público obrigatório, a seriedade administrativa e principalmente, a derrubada das oligarquias. Nesse período, três manifestações ocorreram. Revolta do Forte de Copacabana (1922); Revolta de São Paulo (1924) e a Coluna Prestes (1924-1927). Conferir em AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. 1999. p. 431.

eleito. As alianças deveriam esperar nova crise no setor cafeeiro para se ampliarem e derrubar o grande grupo oligárquico. Nesse contexto seria mais fácil a mobilização social, visto que o governo colocaria em prática mais uma vez sua intervenção. A crise de 1929 foi o resultado do esgotamento de um padrão de acumulação, <sup>em</sup> ~~onde~~ a economia mercantil tinha cumprido todo o seu poder.

O desequilíbrio setorial representado pela longa duração da preponderância do café gerou as condições para a industrialização, para a concentração demográfica e para a urbanização do sudeste, em particular São Paulo. Desde então, entre o Sudeste e as demais regiões brasileiras vão-se aprofundar as disparidades, à medida que cresce o parque industrial. A tendência será a especialização regional forçada, em função desse novo centro dinâmico da economia nacional, fornecendo matérias-primas em troca de produtos manufaturados. A propósito, tem-se nesta fase um novo movimento de migrações, fato que demonstra o quanto os desequilíbrios regionais persistiam em plena era das “modernizações” / Jorge Fernandes representou o já secular ritual de deslocamento de nordestinos que partiam para São Paulo nos famosos “paus-de-arara”:

#### Canção Do Retirante

Entrou janeiro o verão danoso  
Sempre afitivo pelo sertão...  
Cacimbas secas nem merejavam...  
O moço triste disperançado  
Fez uma trouxa de seus teréns...

De madrugada – sem despedida –  
Foi pra São Paulo pras bandas do sul...

A moça triste se amurrinhou  
Ficou biqueira  
Virou ispeto  
- Ela que era um mulherão –  
Inté que um dia já derrubada  
De madrugada  
Foi pra São Paulo...

migrações

no primeiro tempo - sul -

Pra um São Paulo que ninguém sabe não...<sup>11</sup>

As eleições de 1929 foram o início da rearticulação das forças políticas e sociais com novas quebras nos grupos oligárquicos que formou frações dominantes em uma frente regional - Aliança Liberal - composta por Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba que lançou como candidato Getúlio Vargas e como vice-presidente João Pessoa tal fração integrou antigos militares rebeldes e reivindicações populares. Washington Luís lançou Júlio Prestes como seu candidato, rompendo a política do café-com-leite. A derrota pela via eleitoral levou à força pelas armas e à Revolução de 1930. Após este breve panorama da política e da economia da época, urge apresentar o modo de articulação da cultura na sociedade.

## 1.2 A sociedade revelada na “Cultura modernista”

Em oposição ao período anterior marcado pelo desejo de identificação com o velho mundo, os anos vinte e trinta vão se caracterizar pela figuração de uma busca pela identidade nacional. Atendendo a esse desejo, as letras na Primeira República caracterizavam-se por sua força contestadora confrontando-se com os conteúdos da cultura dominante e seus valores. O pós-guerra instaurou nos vários sistemas culturais o ideal do novo, e no Brasil, esse ideal tomou força em São Paulo, visto que o processo social e econômico de desenvolvimento capitalista se fazia sentir com mais vigor. O apoio dado ao grupo de modernistas de 22 demonstra a simpatia pelos anseios de contemporaneidade e de mudanças que se somaram com a combinação de uma nova perspectiva de cidade grande do pós-guerra com estímulos culturais europeus.

As características de São Paulo nesse período vista como uma cidade que fora capaz de superar as tradições e de se homogeneizar culturalmente pela modernização que acompanhou a implantação da industrialização, foram determinantes para a realização da Semana de 22. As primeiras intervenções feitas em São Paulo já vinham acontecendo desde 1870, quando a

<sup>11</sup> FERNANDES, Jorge. Livro de Poemas. Tipografia da Imprensa. 1927. p. 102.

São Paulo

cidade passou a centralizar a economia da então província. Envolvida entre linhas férreas que ligavam a corte ao Vale do Paraíba, ao Oeste e a Santos, o porto escoador da produção cafeeira consolidou-se como centro político e financeiro. Somando-se a isso, a imigração estrangeira atraída pela produção de café quadruplicou sua população durante a década de 1890. As imagens da indústria, da máquina, da metrópole, do burguês e do proletário e ainda do imigrante, davam-lhe uma tônica moderna.

Um dos exemplos da orientação tomada pelos ideais do Modernismo foi a Semana de Arte Moderna de São Paulo em 1922, que pode ser considerada como ponto de partida importante para a releitura do processo de desenvolvimento da modernidade brasileira e que promoveu à sociedade a demonstração desse ideal desejado por seus representantes:

Os jovens de 22, que tiveram a seu favor a simpatia do governo do Estado, as páginas do Correio Paulistano e, logo depois, alguns salões da alta burguesia, encarnaram o desejo do novo e do refinado, ainda que chocantemente[ ...]<sup>12</sup>. (BOSI)

Esses inovadores da fase do modernismo viam um Brasil mítico, com contradições que seriam resolvidas no campo da poesia: “As fortes e belas imagens antropofágicas de Tarsila, os manifestos de Oswald e a rapsódia de Mário de Andrade não poderiam ter nascido senão na cabeça de artistas que pensavam lúdica e surrealmente o Brasil[...]<sup>13</sup> (BOSI)

Com todas essas mudanças se processando, também as relações sociais modificam-se e tornam-se mais abertas. A interação familiar, a educação infantil, as relações homem-mulher, a vida em sociedade e ainda as instituições políticas tomam um significado mais simples em termos de consciência.

As razões para tais figurações do modernismo encontram-se nas características materiais peculiares com a novidade técnica e desenvolvimento internacional: “[...] visto no

<sup>12</sup> BOSI, Alfredo. *As Letras na Primeira República*. In FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira*. 4 ed. Rio de Janeiro: Difel, 1990. Cap. 8. p. 312.

<sup>13</sup> *Ibid.* p. 319.

interior do processo, o modernismo foi a metáfora brilhante de um certo ângulo de consciência que escolheu formas muito adequadas a uma zona determinada da cultura brasileira.”<sup>14</sup>

No Rio Grande do Norte, observando-se a imprensa da época, revela-se uma das fases mais movimentadas da vida intelectual e social da cidade do Natal. Publicam-se intensamente revistas e jornais das mais diversas correntes. Revistas como *Atualidade*, *Cigarra*, *Nossa Terra...Outras Terras...*, *Revista do Centro Polimático*, *Terra Natal* e *Letras Novas*, mostram em seus artigos tendências modernistas que reuniam um grupo da intelectualidade potiguar como Câmara Cascudo, Jorge Fernandes, Lauro Pinto, João Maria Furtado, Jayme Wanderley e outros.<sup>15</sup>

O intercâmbio entre Natal e as outras cidades onde também começava a se desenvolver o movimento modernista, era realizado por Câmara Cascudo, que via no cenário local se delinearem as transformações nos diversos campos sociais, principalmente nos governos de José Augusto (1924-1928) e Juvenal Lamartine (1928-1930). De suma importância para o desenvolvimento do modernismo no Estado, a figura do crítico literário assumida por Câmara Cascudo impulsionou as produções de artistas locais. Usando em suas críticas, tons pessoais, ele desenvolvia o movimento através da reação do meio intelectual e a consequente produção.

A posição social de Câmara Cascudo possibilitava a sua atualização com o meio internacional e garantia-lhe as relações com o poder e o favorecimento do patrocínio de boa parte da vida literária e da produção cultural.<sup>16</sup> Nessa articulação de poder e idéias, os dirigentes tomaram parte nas tertúlias literárias, apoiando e promovendo a vida lítero-cultural da cidade, a exemplo do Governador Alberto Maranhão, considerado na década anterior o mecenas das letras e das artes no estado.

Outro grande incentivador e participante da vida cultural no estado foi o governador Antônio José de Melo e Souza, que sob o pseudônimo de Policarpo Feitosa escreveu Romances de Costumes como “*Gizinha*” e “*Flor do Sertão*” e enquanto Governador, entre

---

<sup>15</sup> Conferir a respeito o estudo. COSTA, Maria Suely da. *Revistas Literárias do Rio Grande do Norte: ícones das Letras Novas e outras terras nos anos 20*. In: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de (Org). *Histórias das letras*. Natal: Scriptorim Candinha Bezerra; Fundação Hélio Galvão, 2001. cap. 2.

<sup>16</sup> Conferir a respeito o estudo. Id. *Asas de Sófia: ensaios cascudianos*. Natal: FIERN; SESI, 1998.

por quem?

outros feitos, promoveu um concurso de músicas para a composição de uma peça com poesias de Ferreira Itajubá, Auta de Souza e Segundo Wanderley.<sup>17</sup>

Este cenário apresentou-se como fundamental para a compreensão da perspectiva assumida pelo poeta Jorge Fernandes ao escrever o seu *Livro de poemas*, uma vez que a sua visão poética é também reveladora de uma leitura da história da cidade do Natal na sua fase de transição para os tempos considerados modernos. Neste sentido, o poema “Remanescente”, que transcrevemos a título de fechamento deste capítulo, é exemplar do modo como a relação afetiva do poeta para com a cidade é capaz de inscrever, no plano moderno, a memória do que já era considerado “antigo”:

#### Remanescente

Sou como antigos poetas natalenses  
 Ao ver o luar por sobre as dunas...  
 Onde estão as falanges desses mortos?  
 E as cordas dos violões que eles vibraram?  
 - Passaram...  
 E a lua deles ainda replandece  
 Por sobre a terra que os tragou  
 E a terra ficou  
 E eles passaram!  
 E as namoradas deles?

E as namoradas?  
 São aspectros de sonhos...  
 Foram braços roliços que passaram!  
 Foram olhos fataes que se fecharam!

Ah! Eu sou a remanescente dos poetas  
 Que morreram cantando...  
 Que morreram lutando...  
 Talvez na guerra contra o Paraguai!

---

<sup>17</sup> Através do Decreto nº 177 de 29 de abril de 1922, o governo promoveu um concurso em comemoração ao centenário da independência do Brasil. As peças que obtivessem o primeiro lugar seriam impressas por conta do Estado para distribuição gratuita e cantadas em público pela primeira vez durante as festas do centenário.

## CAPÍTULO 2

### A CIDADE QUE ABRIGAVA ANSEIOS DE UMA VIDA CULTURAL

[...] o pitoresco dela é um encanto honesto, uma delícia familiar pra nós, um ar de chacra que a torna tão brasileira humana e cotidiana como nenhuma outra capital brasileira, das que conheço.[...] Não atravanco a paisagem, não tenho obrigação de ver coisas exóticas... Estou vivendo a vida de meu país....

(Mário de Andrade, *O turista aprendiz*, 1983)

#### 2.1 A economia geradora do ideal Modernista: o Algodão

O fim do Império e a conseqüente autonomia dos estados, permitindo a apropriação das rendas pelas oligarquias, contribuiu de forma significativa para a modernização das capitais, entre elas Natal. Tal processo foi possível também devido aos recursos enviados pelo governo federal para combate à seca, que foram aplicados na construção de ruas e praças que originaram a chamada “cidade nova”, com bairros como Tirol e Petrópolis. Outro fator que contribuiu foi a expansão do sistema de águas e esgotos em 1910 e ainda a chegada da luz elétrica em 1911.

*tem em 1913* A hegemonia da oligarquia Albuquerque Maranhão, que se apoiava na economia açucareira, teve seu primeiro desafio em 1913, em meio à confusa rede de alianças, quando foi lançada a candidatura de Hermes da Fonseca e Rui Barbosa para Presidência e Vice-Presidência da República, respectivamente. A vitória de Hermes da Fonseca implementou a Política das Salvações, que consistia na quebra da Política de Café-com-leite e conseqüente queda das Oligarquias locais. No entanto, havia apenas a substituição dos grupos.

Com a mudança do grupo oligárquico, o açúcar perdeu espaço e o tipo de economia agroexportadora passou a ser a cotonicultura que começou a se desenvolver a partir de 1880. A

indústria têxtil foi um dos principais setores que se desenvolveu com a infra-estrutura exigida pela industrialização do Brasil, setor esse que cresceu para atender ao crescente mercado consumidor. Para as necessidades de abastecimento das indústrias, a Primeira Guerra Mundial foi um fator crucial devido a dificuldade de importação de tecidos, e com isso o fornecimento da matéria-prima foi feito pelos estados nordestinos, entre eles o Rio Grande do Norte:

[...]a expansão e consolidação da lavoura algodoeira, voltada para o abastecimento de fábricas têxteis do Sudeste, correspondeu ao processo de integração da economia norte-riograndense à Divisão Intranacional do Trabalho, em estruturação entre o final do século XIX e o começo do século XX.<sup>18</sup> (MONTEIRO)

Desde o final do século XIX até 1928, com uma série de transformações ocorrendo no Brasil, houve um elevado crescimento da cotonicultura no Estado. Influenciada pela consolidação do regime republicano, a imigração para suprir a mão de obra escrava e o crescimento acelerado do Rio de Janeiro e São Paulo, a indústria têxtil continuou seu crescimento por quase três décadas, quando o número de fábricas duplicou. O bom desempenho do setor se estendeu até 1926-1927, quando surgiram no mercado mundial os primeiros sinais da crise de 1929, configurada no declínio dos preços em decorrência da super produção.

A ascensão de outra oligarquia ligada à economia do algodão levou à prática de uma política favorável à cotonicultura. A criação do IOCS (Inspetoria de Obras Contra a Seca) no governo de Nilo Peçanha viria a favorecer os produtores de algodão, que em troca apoiavam a política do café-com-leite. As verbas do IOCS visavam resolver a falta de mão-de-obra causada pelo êxodo rural e a dificuldade de meios de transporte para escoar a produção. Nesse processo surgiram as frentes de trabalho, com o emprego de verbas públicas para a construção de açudes, estradas e ferrovias. Com isso, durante a primeira república a modernização da atividade agrícola foi uma característica marcante. Nos anos vinte surgiu no estado a primeira

---

<sup>18</sup> MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à história do Rio Grande do Norte*. 2. ed. Natal: Cooperativa Cultural Universitária, 2002. cap. 5. p. 227.

usina de açúcar que utilizava maquinaria importada. Como o processo foi tardio, a produção era feita para mercado local de cachaça, rapadura e açúcar.

Durante o governo de Antônio José de Melo e Souza foram instituídas novas ações para melhoria da qualidade e comercialização do algodão. No final do seu governo a lei nº 563, de 30 de novembro de 1923, foi criada para organizar a Bolsa Estadual do Algodão, órgão para classificação comercial do produto.

No Governo José Augusto (1924-1928) foi criado o Serviço de Algodão do Estado, com a finalidade de executar serviços relacionados à sua produção e uma das medidas práticas foi a Estação Experimental de Acari. Esta estação visava estudar, selecionar e melhorar a qualidade produtiva do algodão mocó, que era considerado uma das melhores fibras de algodão do mundo. Além da Estação Experimental de Acari, o governo comprou duas propriedades, uma no vale do Ceará-Mirim - Jaçanã e outra no vale do Potengi - Jundiá, para funcionar como Campos de Demonstração. Na gestão do governador Juvenal Lamartine (1928-1930) houve continuidade da política de valorização do produto e nos anos de 1927 e 1929 os preços voltaram a subir. No entanto, os primeiros sinais da crise de 1929 também começaram a atingir a cotonicultura do estado.

Um bom exemplo do papel desempenhado pelo comércio do algodão no cotidiano da capital potiguar está configurado em algumas poesias de Jorge Fernandes. Em franco desenvolvimento durante o período do lançamento do Livro de Poemas, os elementos presentes no comércio, produção e transporte do produto estão em sutil evidência em algumas poesias no referido livro:

Meu Poema Parnasiano n. um

(...)

E lá me vem a mente o ritmo dos teares...

As grandes rimas dos padrões...

Os fios se cruzam...se unem pras grandes peças de linho...

- óleos...fios...poleas...alavancas.

apitos. Ponteadores. Carritês.

Zim traço! Traco! traco! Malhos. Alicates. Ar comprimido.

(...)

algodões e modernizações

ritmo da máquina  
ritmo do homem

atmosfera do  
ruído do  
trabalho e

Anana (inter-  
ações dos esforços)  
e barulho...

## 2.2 O cotidiano de uma cidade modernista

Contracenando com a presença marcante dos elementos sertanejos na provinciana cidade do Natal, os elementos da modernização chegavam de todas as formas, trazendo consigo a cultura da modernidade. Essa cultura era oposta à cultura sertaneja e a toda uma estrutura social enraizada historicamente e com base no poder das oligarquias locais, representantes do tradicionalismo e do conservadorismo.

Os novos elementos culturais relacionados com a modernidade chegaram a Natal reforçados pela produção do algodão, sua relação com o mercado inglês e a inauguração da aviação comercial, que foi a grande novidade. Fator este facilitado pela sua posição geográfica. Pelo que demonstram os dados obtidos através de estudos feitos no Jornal *A República*<sup>19</sup>, propagandas da indústria automobilística e de aviação se faziam presentes. Fatos estes explicados pela intensificação da aviação comercial com os ingleses, que incentivavam o comércio de algodão no estado e o transporte da produção do mesmo do interior para a capital por automóveis. Ao mesmo tempo em que surgiam nomes novos nas propagandas dos jornais, nomes ligados à corrida internacional em torno da aviação comercial também surgiram. "Saint Roman", "Jahu", "Ribeiro de Barros", "Argos" e "Raid", entre outros nomes foram integrados ao noticiário dos jornais locais e tornaram-se vocábulos novos para revistas literárias e poemas da época, como está exemplificado no poema Meu Poema Parnasiano n. 1. *de quando?*

*Jahú de Barros*

[...]  
 Que linda manhã parnasiana!  
 Vou recitar "A Vingança da Porta"  
 Os lindos e sangrentos versos do meu passado:  
 - "Era um habito antigo que elle tinha..."  
 Pregões de gazeteiros: - Raide de San-Roman! Ribeiro de Barros!  
 O grande momento da aviação mundial!  
 - Que poema forte de San Roman!  
 - que poema batuta o de Ribeiro de Barros!  
 Todo misturado de nuvens, de óleo, gasolina.  
 De graxa, de gritos de bravos! de emoções!

*de que quando?*

<sup>19</sup> *A República* de 06/01/1925, traz propagandas de óleos e graxas lubrificantes da marca NOBEL e venda de materiais elétricos para instalação de força e luz da marca Siemens-Schuckert S.A.

[...]

As contradições presentes no cotidiano local destacavam diferenças que coexistiam com a cultura regional reforçada pela estrutura do poder local e a cultura da modernidade que se fazia cada vez mais presente na vida urbana que se formava na província. Os elementos de ambos os aspectos se acomodavam de forma sutil e passavam a coexistir.

A capital do Rio Grande do Norte, por toda a década de vinte do século passado, devido a circunstâncias diversas e não apenas por fatores de progresso econômico, possibilitava o encaminhamento para um certo pioneirismo modernista, caracterizado por fatos que formularam este ambiente na capital potiguar.

Representado pela oligarquia Albuquerque Maranhão defensora da República no início do século XX, e também conhecedora das transformações engendradas pelo capitalismo no mundo, o governo de Alberto Maranhão desejava implementar uma política de valorização da capital através de obras que inaugurassem o moderno na capital potiguar. Impulsionou, portanto, o ideal Europeu de desenvolvimento humano pela técnica e ciência, e dessa forma as modificações foram feitas de acordo com uma política que atendesse as necessidades da sociedade.

Até então a capital potiguar era formada por dois principais bairros, a Ribeira e a Cidade Alta, constituídos respectivamente pelo comércio e área portuária e o segundo sendo de caráter habitacional, e ainda o Alecrim que tinha como principal característica ser habitado por operários. As mudanças implementadas tinham como principal objetivo a política sanitária desenvolvida em caráter federal, visando portanto a aplicação dos serviços de infraestrutura tais como: serviços de água e esgotos e ainda a profilaxia do lixo urbano. Foi dentro dessa reformulação da cidade que entrou a construção de um novo bairro chamado de Cidade Nova, correspondendo onde hoje se situam os bairros de Petrópolis e Tirol.

Outro ponto a ser destacado pela política de modernização da capital potiguar foi a introdução de um novo meio de transporte que veio a ser o bonde e a implantação da luz elétrica. A importância dessas inovações estava relacionada com o desenvolvimento comercial e dos transportes urbanos, além de suprir uma necessidade de ideal moderno já presente em várias capitais brasileiras. O desenvolvimento no setor de transporte, a energia elétrica e a

a cidade de Nova  
 Petrópolis  
 Tirol  
 sanitária

inauguração do <sup>o</sup>Bonde configuravam e davam sustentação ao ideal modernista que estava se pautando e chegaria a seu ápice na década de 20.

*as referências*

O bonde elétrico encurtou distância entre bairros, além de desenvolver o espaço da cidade que vai tomando novas formas e adquirindo maior espaço físico, inclusive no que diz respeito à ocupação da Cidade Nova, além de transformar-se em espaço possibilitador de conhecimento para a sociedade de outras áreas da cidade, antes desconhecidas por alguns devido a dificuldade de transporte. A luz elétrica, além de trazer melhoramentos na infraestrutura da cidade, também contribuiu significativamente com a produção cultural e a vida noturna da cidade. O apoio dado pela iluminação pública aos passeios noturnos, a uma vida social noturna facilitou bastante o contato dos intelectuais e produtores de arte em Natal. Inserido nesse contexto, Jorge Fernandes também expressa na poesia "Cantilena" a admiração pela inovação, usando para isso sua reminiscência parnasiana fazendo um retorno ao seu passado:

*o contexto histórico nos serve para fazer o povo da cidade.*

A luz elétrica do meu tempo  
Vinha com a lua cheia...  
Cantavam dentro de mim  
Todos os trovadores do passado...

Os olhos que amaram os trovadores  
Esquecidos  
Eram de novo lembrados  
Nas canções dentro de mim...

E a lua amarela e triste  
Se parecia com a saudade  
Dos trovadores mortos nas guerras  
Onde lutavam até os violões...

Eu me tornei um poço  
De todas as canções tristes...  
De todas as vozes fortes  
Dos trovadores alegres...

E a lua quando clareia o poço  
Sobem as vozes todas em silêncio...  
Sobem e se espalham na velha cidade  
Toda apagada com a luz elétrica...

Todas essas implementações configuravam o ideal de cidade moderna almejada por parte da elite dominante na cidade e por intelectuais ligados principalmente com o meio artístico que se desenvolvia em outras capitais brasileiras. O início do século XX assistiu a essas transformações e deu possibilidades para outras realizações estruturais e artísticas que se processaram na década de 20 em Natal. Tais implementações ganham forma em diversos fatos cotidianos.

Dois anos antes da publicação do *Livro de Poemas*, de Jorge Fernandes, foi inaugurada uma pioneira Escola de Farmácia em Natal<sup>20</sup>. Ainda não se cogitara a criação de nossa Universidade, porém o Governador José Augusto Bezerra de Medeiros já dera os primeiros passos inaugurando, a 01 de maio do referido ano de 1925, no Teatro Carlos Gomes, uma denominada “Universidade Popular”, que atuaria periodicamente em Natal, Touros e Goianinha. O ambiente hospitalar na cidade modernizava-se com uma humanização societária, pois o velho Hospital Juvino Barreto passava a ser administrado pela Sociedade de Assistência Hospitalar a partir de 01 de julho de 1927. O fundador da referida sociedade, Dr. Januário Cicco, era chefe da clínica cirúrgica do hospital e por sua sugestão, em 1921 passou a funcionar em uma das enfermarias do Hospital Miguel Couto a Casa da Mãe Pobre Gestante, a célula inicial da futura maternidade que hoje tem seu nome. No exemplar de 18 de novembro de 1928, o jornal natalense *A República* publicava uma entrevista com o cirurgião Dr. José Tavares, que demonstrava o seu entusiasmo pelo progresso alcançado então em Natal: “Dia a dia o povo vai-se convencendo que estamos em condições para operar quase tudo e que é desnecessário sair de Natal para extirpar um quisto de ovário...”

Dois anos depois da publicação do referido livro, os ônibus – tipo de transporte mais ágil e com mais possibilidades de penetração em ruas e artérias de difícil acesso aos trilhos dos bondes – eram autorizados a trafegar em Natal, pelo Decreto nº 415, de 24 de Janeiro de 1929. O novo tipo de transporte começou a funcionar com dois autos.

Mas a cidade também expandia sua rede de transportes via o recurso aviatório. Às 23h45min de 14 de outubro de 1927 o avião “Breguet – 1685”, pilotado por D. Cortes e J. M. Le Brix pousava em Natal, inaugurando o campo de Parnamirim, após partir do Senegal. Por

<sup>20</sup> Foi criada pela Lei nº 497, de 02 de dezembro de 1920, sancionada pelo governador Antônio José de Melo e Souza, que diplomara uma “turma” de dois farmacêuticos, José de Almeida Barreto e Álvaro Torres Navarro, a 19 de dezembro de 1925.

toda a década de vinte, o espírito aviatório fora uma das grandes novidades na cidade. Desde o dia 21 de dezembro de 1922, quando o hidro-avião “Sampaio Correia”, pilotado por Euclides Pinto Martins e mais quatro tripulantes amerissou no Rio Potengi, que a aviação na cidade se tornou uma constante, entusiasmando a população e possivelmente influenciando a onomatopéia presente na poesia Jorgeana. Segundo Humberto Hermenegildo<sup>21</sup>, que transcreve trechos do livro *Natal do meu Tempo: crônica da cidade do Natal* de João de Amorim Guimarães, publicado em 1952 pelo Departamento Estadual de Imprensa. “Jorge Fernandes comandava uma vigília organizada para acompanhar notícias sobre a chegada do avião JAÚ a Natal, em 1927”..A 29 de dezembro de 1928, o governador Juvenal Lamartine fundaria o Aero Cube, com escola de pilotagem.

6/ No mesmo ano da publicação do livro de Jorge Fernandes o governador José Augusto Bezerra de Medeiros assinou a lei pioneira e revolucionária. Atendendo à sugestão do Senador Juvenal Lamartine, o governador, pelo artigo 77 da Lei nº 660, sancionada a 25 de outubro de 1927, permitia que as mulheres pudessem votar. A primeira eleitora a votar no Brasil foi a mossoroense Celina Guimarães Viana, e em Natal foi a professora Júlia Alves Barbosa que adquiriu este direito após a sentença datada de Natal, 25 de novembro de 1927, pela qual o então Juiz Eleitoral da capital do Estado, Dr. Xavier Montenegro lhe concedia este direito. A 09 de agosto de 1928, na Assembléia Legislativa Estadual houve a fundação da Associação de Eleitoras Norte-rio-grandenses, com a presença da líder feminista brasileira Dra. Berta Lutz que em seu discurso citava o pioneirismo norte-riograndense:

É um auspicioso, este, que confirma, para o movimento feminista brasileiro, a terminação da fase inicial da reivindicação de direitos para iniciar a fase de realizações, de colaboração eficaz, unida e profícua da mulher, no soergimento econômico, social e político da mais progressista das unidades federativas brasileiras[...].<sup>22</sup>

<sup>21</sup> Citado em ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: Anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal. UFRN. Ed. Universitária, 1995. p. 48.

<sup>22</sup> Discurso publicado no jornal *A República* do dia 12/08/1928.

pequenas fábricas existentes em Natal, Mossoró, Currais Novos, Acari e Assu, produziam cigarros, bebidas, sabão, velas, cerâmicas, couro e chapéu.

Além de uma série de associações e ligas classistas sendo fundadas na cidade durante os anos vinte, Natal veria culminar a referida década com a fundação do Partido Político Operário, instalado em sessão solene no centro Operário Natalense, a 01 de maio de 1929, tendo como seu primeiro presidente Eduardo dos Anjos.

A partir da década de 1920 os trabalhadores se organizaram em várias associações em cada categoria como: estivadores, sapateiros e marceneiros entre outras. Os primeiros jornais operários surgiram e junto com eles a greve surgiu como principal forma de luta pelos seus direitos. A primeira greve que ocorreu no estado foi a dos trabalhadores da Great Western em 1920 que lutavam por aumento de salário e ocorreu em todas as suas redes. A segunda greve foi em 1923 no porto de Natal, também reivindicando aumento de salário. Dessa vez também entraram em greve as operárias da Fábrica de Tecidos, padeiros e trabalhadores no transporte de cargas da cidade.

O estado também presenciou mudanças na área cultural, entre elas a realização do primeiro filme no Rio Grande do Norte em 1924, “[...] uma câmera cinematográfica captava imagens da terra e da gente norte-riograndense”.<sup>22</sup> Com o título “Cine jornal do Rio Grande do Norte”, dirigido por Anfilóquio Câmara e cinegrafado por Aristides Junqueira, o primeiro filme feito no Estado atendera a determinação do Governador José Augusto, que queria que fosse realizado um filme sobre a vida do Estado e suas possibilidades econômicas.

Segundo Anchieta Fernandes<sup>23</sup>, o filme, realizado entre dezembro de 1923 e junho de 1924, mostra desde a chegada do Dr. José Augusto a Natal para assumir o governo do estado, a 24 de dezembro de 1923, até aspectos dos progressos que atingiam Natal, como, por exemplo, o trabalho técnico no prédio da Inspeção de Profilaxia Rural, criada pelo governador Antônio José de Melo e Souza. Foram vistas ainda no filme asiladas do Orfanato Padre João Maria em suas aulas de costura, pintura, bordado e música. Praças e ruas de Natal,

<sup>22</sup> FERNANDES, Anchieta. *Écran Natalense: capítulos da história do cinema em Natal*. Sebo Vermelho: 1992, p.59

<sup>23</sup> Ibid. p. 61.

e atividades sociais e culturais na capital e no interior do estado foram filmadas. O Filme foi exibido pela primeira vez nos cinemas Politeama e Royal, a 18 de outubro de 1924.

Relacionado também com a área cultural, revistas literárias já circulavam em Natal, entre elas *Terra Natal* (1922-1924); *Letras Novas* (1925); *Nossa Terra...Outras Terras* (1926) e a revista *Cigarra* (1928-1930). De grande importância para o movimento modernista as revistas literárias abriram caminho para o conhecimento da produção cultural local. Lançada em novembro de 1928, a revista *Cigarra*, dirigida por Aderbal França, revelou a arte modernista do desenhista natalense Erasmo Xavier, “[...]fazendo capas a la Tarsila do Amaral e caricaturas a la Di Cavalcanti”, como escreveu Anchieta Fernandes no livro *Desenhistas Potiguaras: caricatura e quadrinhos*.<sup>24</sup> (FERNANDES, 1973).

Se a revista *Cigarra* trazia desde 1928 – dela circularam cinco números até março de 1929, sendo similar local da revista carioca *O cruzeiro*, que também fora lançada em novembro de 1928 – o modernismo gráfico, outros órgãos da imprensa natalense serviam para o debate de idéias e a instauração do pensamento alicerçador da literatura renovadora de Jorge Fernandes. A revista *Terra Natal*,<sup>24</sup> lançada a 08 de agosto de 1922, além de ter publicado produções do próprio Jorge, publicou em seu terceiro número (abril de 1924) o artigo “A Inquietação Moderna”, de Jaime Wanderley; e em seu sexto número ( outubro de 1924) o artigo “O Futurismo através da Ciência”, de Cícero Vieira.

Em julho de 1925, surgia uma nova revista literária em Natal, “Letras Novas”, dirigida por Luis Torres. Pelo seu editorial de apresentação não negava ser da escola modernista, dizendo que:

[...] ama a beleza sadia do passado de sua gente, preza a robusta expressão do seu presente, e sente a expansão vigorosa que se processa para seu futuro”.

“No momento agita-se por toda a parte uma ânsia de vida nova. E o pensamento moderno vai dominando, com os aviões que retalham o espaço e com as locomotivas que se empinam pelas grimpas. Letras Novas quer ser porta-voz da vida nova do Rio Grande do Norte”.<sup>25</sup>

\* FERNANDES,

<sup>24</sup> MELO, Manoel Rodrigues de. *Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte (1909-1987)*. São Paulo: Cortez; Natal: Fundação José Augusto, 1987.

<sup>25</sup> MELO, Manoel Rodrigues de. *Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte (1909-1987)*, 1987, P. 173.

E se as novas revistas traziam a expressão modernista aos leitores habitantes da cidade, o jornal *A República* também contribuía, publicando no ano de 1928, ano em que Mário de Andrade visitou o estado, além de um artigo sobre as novas idéias literárias como “A estética do Futurismo e a sua Atuação na Arte”, assinado e publicado no exemplar de 12 de outubro do referido ano, outros sobre evolução e progresso em outros setores como: “Aspirações Proletárias” de Oscar Wanderley, no exemplar de 13 de outubro; “A Fisioterapia na Educação”, também de Oscar Wanderley, no exemplar de 27 de outubro; e “A Evolução do Cinema”, de Garibaldi Dantas, no exemplar de 09 de dezembro.

Todos estes fatores mencionados acima, relacionados com a urbanização da cidade e com a implementação de um ideal de modernidade almejado principalmente pelos governantes e pela elite local, se expressam em investimentos feitos na capital potiguar. Investimentos estes, destacados aqui entre 1910 e 1911, quando houve a expansão do sistema de águas e esgotos e a instalação da luz elétrica.

Tabela Investimentos do Governo Estadual em Natal

1910		1911	
Item	Valor (em Contos de Reis)	Item	Valor (em Contos de Reis)
Calçamento	19:795\$013	Calçamento	95:605\$013
Hospital Juvino Barreto	3:290\$830	Jardins e Praças Públicas	36:708\$588
Penitenciária	33:000\$	Arborização	1:207\$
Arborização	1:207\$	<b>Teatro Carlos Gomes</b>	<b>149:400\$680</b>
<b>Teatro Carlos Gomes</b>	<b>30:694\$650</b>	Avenida Tavares de Lyra	38:325\$930
Parque Estadual	780\$040	Avenidas na Cidade Nova	28:993\$272
Polígono de tiro Deodoro da Fonseca	4:217\$880 18\$263\$350	Avenida Junqueira	4:300\$
Avenida Tavares de Lyra	540\$	Ayres	
Asilo Padre João Maria	743\$300	Inspetoria de Higiene	9:300\$023
<b>Palácio do Governo</b>	<b>2:044\$340</b>		
Avenidas 9 e 10 na Cidade Nova	1:230\$		

Atheneu Norte-Riograndense	15:060\$620		
Armazém do Almoarifado	9:136\$192		
Quartel de Segurança	7:212\$050		
Estação do Porto do Padre	19:618\$625		
Armazém para Inflamáveis	102\$500		
Inspetoria de Higiene			
Para um total de	166:936\$390	Para um Total de	877:908\$795

Fonte: ANDRADE, 2003

Todas essas implementações configuravam o ideal de cidade moderna almejada por parte da elite dominante na cidade e por intelectuais ligados principalmente com o meio artístico que se desenvolvia em outras capitais brasileiras. O início do século XX assistiu à essas transformações e deu possibilidades para outras realizações estruturais e artísticas que se processaram na década de 20 em Natal. Tais implementações ganham forma em diversos fatos cotidianos.

Dois anos antes da publicação do “Livro de Poemas”, de Jorge Fernandes, foi inaugurada uma pioneira Escola de Farmácia em Natal<sup>26</sup>. Ainda não se cogitara a criação de nossa Universidade, porém o Governador José Augusto Bezerra de Medeiros já dera os primeiros passos inaugurando, a 01 de maio do referido ano de 1925, no Teatro Carlos Gomes, uma denominada “Universidade Popular”, que atuaria periodicamente em Natal, Touros e Goianinha. O ambiente hospitalar na cidade modernizava-se com uma humanização societária, pois o velho Hospital Juvino Barreto passava a ser administrado pela Sociedade de Assistência Hospitalar a partir de 01 de julho de 1927. O fundador da referida sociedade, Dr. Januário Cicco, era chefe da clínica cirúrgica do hospital e por sua sugestão, em 1921 passou a funcionar em uma das enfermarias do Hospital Miguel Couto a Casa da Mãe Pobre Gestante, a célula inicial da futura maternidade que hoje tem seu nome. No exemplar de 18 de novembro de 1928, o jornal natalense “A República” publicava uma entrevista com o cirurgião Dr. José Tavares, onde demonstrava o seu entusiasmo pelo progresso alcançado então em Natal: “Dia a

<sup>26</sup> Foi criada pela Lei nº 497, de 02 de dezembro de 1920, sancionada pelo governador Antônio José de Melo e Souza, que diplomara uma “turma” de dois farmacêuticos, José de Almeida Barreto e Álvaro Torres Navarro, a 19 de dezembro de 1925.

repetido  
(p. 25)

dia o povo vai-se convencendo que estamos em condições para operar quase tudo e que é desnecessário sair de Natal para extirpar um quisto de ovário...”

Dois anos depois da publicação do referido livro, os ônibus – tipo de transporte mais ágil e com mais possibilidades de penetração em ruas e artérias de difícil acesso aos trilhos dos bondes – eram autorizados a trafegar em Natal, pelo Decreto nº 415, de 24 de Janeiro de 1929. O novo tipo de transporte começou a funcionar com dois autos.

Mas a cidade também expandia sua rede de transportes via o recurso aviatório. <sup>As</sup> 23,45 de 14 de outubro de 1927 o avião “Breguet – 1685”, pilotado por D. Cortes e J. M. Le Brix pousava em Natal, inaugurando o campo de Parnamirim, após partir do Senegal. Por toda a década de vinte, o espírito aviatório fora uma das grandes novidades na cidade desde o dia 21 de dezembro de 1922, quando o hidro-avião “Sampaio Correia”, pilotado por Euclides Pinto Martins e mais quatro tripulantes amerissou no Rio Potengi, que a aviação na cidade se tornou uma constante, entusiasmando a população e possivelmente influenciando a onomatopéia presente na poesia Jorgeana. Segundo Humberto Hermenegildo<sup>27</sup>, que transcreve trechos do livro “Natal do meu Tempo: crônica da cidade do Natal” de João de Amorim Guimarães, publicado em 1952 pelo Departamento Estadual de Imprensa, “Jorge Fernandes comandava uma vigília organizada para acompanhar notícias sobre a chegada do avião JAU a Natal, em 1927”. A 29 de dezembro de 1928, o governador Juvenal Lamartine fundaria o Aero Cube, com escola de pilotagem.

Além de uma série de associações e ligas classistas sendo fundadas na cidade durante os anos vinte, Natal veria culminar a referida década a fundação do Partido Político Operário, instalado em sessão solene no centro Operário Natalense, a 01 de maio de 1929, tendo como seu primeiro presidente Eduardo dos Anjos.

No mesmo ano da publicação do livro de Jorge Fernandes o governador José Augusto Bezerra de Medeiros assinou a lei pioneira e revolucionária. Atendendo à sugestão do Senador Juvenal Lamartine, o governador pelo artigo 77 da Lei nº 660, sancionada a 25 de outubro de 1927, permitiam que as mulheres pudessem votar. A primeira eleitora a votar no Brasil foi a mossoroense Celina Guimarães Viana, e em Natal foi a professora Júlia Alves Barbosa que adquiriu este direito após a sentença datada de Natal, 25 de novembro de 1927, pela qual o

<sup>27</sup> ARAÚJO, Umberto Hermenegildo de. Modernismo: Anos 20 no Rio Grande do Norte. 1995. p. 48.

então Juiz Eleitoral da capital do Estado, Dr. Xavier Montenegro lhe concedia este direito. A 09 de agosto de 1928, na Assembléia Legislativa Estadual houve a fundação da Associação de Eleitoras Norte-rio-grandenses, com a presença da líder feminista brasileira Dra. Berta Lutz que em seu discurso citava o pioneirismo norte-riograndense:

“É um auspicioso, este, que confirma, para o movimento feminista brasileiro, a terminação da fase inicial da reivindicação de direitos para iniciar a fase de realizações, de colaboração eficaz, unida e profícua da mulher, no soergimento econômico, social e político da mais progressista das unidades federativas brasileiras[...]”<sup>28</sup>

No período entre 1889 e 1930 em termos fabris, a predominância no estado era de pequenas unidades de produção utilizando pequeno número de operários. Dessa forma, pequenas fábricas existentes em Natal, Mossoró, Currais Novos, Acari e Assu, produziam cigarros, bebidas, sabão, velas, cerâmicas, couro e chapéu.

A partir da década de 1920 os trabalhadores se organizaram em várias associações em cada categoria como: estivadores, sapateiros e marceneiros entre outras. Os primeiros jornais operários surgiram e junto com eles a greve surgiu como principal forma de luta pelos seus direitos. A primeira greve que ocorreu no estado foi a dos trabalhadores da Great Western em 1920 que lutavam por aumento de salário e ocorreu em todas as suas redes. A segunda greve foi em 1923 no porto de Natal, também reivindicando aumento de salário. Dessa vez também entraram em greve as operárias da Fábrica de Tecidos, padeiros e trabalhadores no transporte de cargas da cidade.

O estado também presenciou mudanças na área cultural, entre elas a realização do primeiro filme no Rio Grande do Norte em 1924, “[...] uma câmara cinematográfica captava imagens da terra e da gente norte-riograndense”.<sup>29</sup> Com o título “Cine jornal do Rio Grande do

<sup>28</sup> Discurso publicado no jornal *A República* do dia 12/08/1928.

<sup>29</sup> FENANDES, Anchieta. *Écran Natalense: capítulos da história do cinema em Natal*. Natal: Sebo Vermelho. 1992, p.59

repetido  
(p. 27)

Norte”, dirigido por Anfilóquio Câmara e cinegrafado por Aristides Junqueira, o primeiro filme feito no Estado atendera a determinação do Governador José Augusto, que queria que fosse realizado um filme sobre a vida do Estado e suas possibilidades econômicas.

Realizado entre dezembro de 1923 e junho de 1924, o filme mostra desde a chegada do Dr. José Augusto a Natal para assumir o governo do estado, a 24 de dezembro de 1923 até aspectos dos progressos que atingiam Natal, como, por exemplo, o trabalho técnico no prédio da Inspeção de Profilaxia Rural, criada pelo governador Antônio José de Melo e Souza. Foram vistas ainda no filme as aulas do Orfanato Padre João Maria em suas aulas de costura, pintura, bordado e música. Praças e ruas de Natal, e atividades sociais e culturais na capital e no interior do estado foram filmadas. O Filme foi exibido pela primeira vez nos cinemas Politeama e Royal, a 18 de outubro de 1924.

Relacionado também com a área cultural, revistas literárias já circulavam em Natal, entre elas Terra Natal (1922-1924); Letras Novas (1925); Nossa Terra... Outras Terras (1926) e a revista Cigarra (1928-1930). De grande importância para o movimento modernista as revistas literárias abriram caminho para o conhecimento da produção cultural local. Lançada em novembro de 1928, a revista “Cigarra”, dirigida por Aderbal França, revelou a arte modernista do desenhista natalense Erasmo Xavier, “[...]fazendo capas a la Tarsila do Amaral e caricaturas a la Di Cavalcanti”, como escreveu Anchieta Fernandes no livro *Desenhistas Potiguarenses: caricatura e quadrinhos*.

Se a revista “Cigarra” trazia desde 1928 – dela circularam cinco números até março de 1929, sendo similar local da revista carioca “O cruzeiro”, que também fora lançada em novembro de 1928 – o modernismo gráfico, outros órgãos da imprensa natalense serviam para o debate de idéias e a instauração do pensamento alicerçador da literatura renovadora de Jorge Fernandes. A revista Terra Natal,<sup>30</sup> lançada a 08 de agosto de 1922, além de ter publicado produções do próprio Jorge, publicou em seu terceiro número (abril de 1924) o artigo “A Inquietação Moderna”, de Jaime Wanderley; e em seu sexto número ( outubro de 1924) o artigo “O Futurismo através da Ciência”, de Cícero Vieira.

<sup>30</sup> Conferir em : MELO, Manoel Rodrigues de. *Dicionário da imprensa no Rio Grande do norte (1909-1987)*. São Paulo: Cortez; Natal: Fundação José Augusto, 1987.

Em julho de 1925, surgia uma nova revista literária em Natal, “Letras Novas”, dirigida por Luis Torres. Pelo seu editorial de apresentação não negava ser da escola modernista, dizendo que:

“[...] ama a beleza sadia do passado de sua gente, preza a robusta expressão do seu presente, e sente a expansão vigorosa que se processa para seu futuro”.

“No momento agita-se por toda a parte uma ânsia de vida nova. E o pensamento moderno vai dominando, com os aviões que retalham o espaço e com as locomotivas que se empinam pelas grimpas. Letras Novas quer ser porta-voz da vida nova do Rio Grande do Norte”.<sup>31</sup>

E se as novas revistas traziam a expressão modernista aos leitores habitantes da cidade, o jornal “A República” também contribuía, publicando no ano de 1928, ano em que Mário de Andrade visitou o estado, além de um artigo sobre as novas idéias literárias como “A estética do Futurismo e a sua Atuação na Arte”, assinado e publicado no exemplar de 12 de outubro do referido ano, outros sobre evolução e progresso em outros setores como: “Aspirações Proletárias” de Oscar Wanderley, no exemplar de 13 de outubro; “A Fisioterapia na Educação”, também de Oscar Wanderley, no exemplar de 27 de outubro; e “A Evolução do Cinema”, de Garibaldi Dantas, no exemplar de 09 de dezembro.

---

<sup>31</sup> Reproduzido em COSTA, Maria Suely da. *Revistas literárias do rio Grande do Norte: Ícones das Letras Novas de Nossa Terra e Outras Terras nos Anos 20*. In: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de (Org). *Histórias de Letras: pesquisas sobre a literatura no Rio Grande do Norte*. cap. 2, p. 39.

## CAPÍTULO 3

### A VANGUARDA MODERNISTA DE JORGE FERNANDES

Jorge Fernandes já é homem feito e vivido. Fala grave, ri discreto com uma experiência contadeira do nordeste. Viveu tudo isto por aqui e viveu de verdade, ficou impresso na carne dele que é memória mais viva e menos literária.

O admirável Livro de Poemas que publicou no ano passado é isso: uma memória guardada nos músculos, nos nervos, no estômago, nos olhos, das coisas que viveu.

Mário de Andrade, *O turista aprendiz*, 1983

#### 3.1 O Movimento na capital potiguar dos anos 20

As mudanças ocorridas nos anos 20, em Natal, expressaram –se nas áreas política, econômica e social. Quanto à cultura e à literatura não aconteceram grandes mudanças, as publicações locais continuaram a ser patrocinadas pelo governo. Os aspectos presentes na cidade que seguia seu progresso formado pelos ares de urbanização com a luz elétrica, o cinema, automóvel e avião, passavam a fazer parte do cotidiano provinciano de Natal. Tal característica cultural é notada na inter-relação de traços regionais e modernos, com elementos da realidade local e da modernização da estrutura social que passavam a integrar o discurso dos intelectuais da época.

Nesse período, embora provinciana, como quase todas as capitais brasileiras, Natal já estava pronta a receber uma vida cultural ativa. Na Ribeira, em meio à atividade comercial, havia o teatro, a Escola Normal e escolas-modelo anexas, a Escola Doméstica e redações de Jornais. Na Cidade Alta havia também cinemas, o colégio *Atheneu* e a Escola de Aprendizes Artífices, enquanto na Cidade Nova havia outros estabelecimentos de ensino e hospitais. Inserido neste ambiente movimentado e dinâmico, o poeta deixa em sua poesias os seus

sentimentos sobre tal situação, usando nelas inclusive o passadismo, expressando um desejo de retorno ao passado:

Meu Poema Parnasiano Sem Número

Ligo a chave propulsora dos meus nervos  
 Pr'a melhor sentir toda a emoção que me rodeia...  
 Que vontade de produzir sonetos...  
 Trancar-me nos quatorze versos  
 E berrar sonoridades aos quatro ventos  
 Pr'a sensibilizar românticos...  
 Mas o diaxo do ganzá das ruas me perturba...  
Jazibande de uma figa! que doídice  
De vae e vem de overlandes, buiques e chevrolés...

Enquanto Jorge Fernandes escrevia o seu livro ímpar, a atuação de Câmara Cascudo no cenário literário local foi fundamental para a sua apresentação a outros centros brasileiros. O característico propósito ideológico do modernismo presente na poesia jorgeana teve relação direta com a sua ligação com o crítico Câmara Cascudo. Em diversos textos de Cascudo publicados em jornais locais ele colocava em prática seu exercício de crítico literário. Em um texto seu publicado em 19 de abril de 1929, no jornal *A República*, noticiava a divulgação da obra do poeta - poema "Viva o Sol" em São Paulo, em um recital de D. Eugênia Álvaro Moreira, divulgadora da poesia modernista:

[...] Para quem desconhecer o grande poeta que possuímos, seu nome no início de uma festa de arte, na capital paulista, por uma das maiores "diseuses" do Brasil, ante um auditório culto e atento, causará a surpresa de quem sempre esteve enganado com o valor de Jorge Fernandes. (CASCUDO)<sup>32</sup>

<sup>32</sup> Texto publicado no jornal *A República* do dia 19/04/1929.

Três artigos publicados no ano de 1924<sup>33</sup> marcaram a divulgação do movimento modernista no estado, principalmente pelo rompimento de Graça Aranha com a Academia Brasileira de Letras, noticiada por Câmara Cascudo:

Como era de esperar, com imensa assistência, o ilustre escritor criticou o rotinismo acadêmico. Perorando o conferencista declarou o dilema: ou a Academia se reformava ou morreria na inação.<sup>34</sup> (CASCUDO)

Em outros dois artigos Câmara Cascudo colocou o mesmo assunto e destacou a pretensão de Graça Aranha em renovar o movimento literário:

[...] O Senhor Graça Aranha é, antes de tudo, um mundo confuso de éticas e estéticas. Ainda não sabemos o que deseja ele. Tudo quanto aproveitamos desta bagunça acadêmica é o exemplo da atitude.<sup>35</sup>

(CASCUDO)

Diante dessa situação, a vida literária da cidade incrementava os aspectos culturais locais – divulgação de artigos e novidades editoriais que noticiavam a vida literária e cultural do país. Como participante dessa vida literária, Jorge Fernandes deu sua primeira contribuição literária em *O Potiguar*, Revista da Oficina Literária Norte-Rio-Grandense, escrevendo depois para jornais e outras revistas. No Teatro, escreveu e encenou em colaboração com Virgílio Trindade as peças *Anti-Cristo* e *Céu Aberto* além de seu maior sucesso com a peça *Pelas Grades*.

Pode-se dizer que existia um movimento cultural na província capaz de responder às questões colocadas para a intelectualidade potiguar naquele momento. Assim também como a

<sup>33</sup> “Na imortal companhia – Um rolo na academia de Letras” ( *A Imprensa*, 02 jul.1924a); “Na Ilustre Companhia...” ( *A Imprensa*, 11 jul. 1924b); “O que eu diria ao Senhor Graça Aranha” ( *A Imprensa*, 24 ago. 1924c). Citado em FERREIRA (2001, p. 75).

<sup>34</sup> ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: Anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal, UFRN, Ed. Universitária, 1995, p. 36.

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 37.

vertente modernista encontrou no Rio Grande do Norte a possibilidade de se manifestar de forma mais organizada devido a figura de Câmara Cascudo.

### 3.2 - As Novidades Modernistas do Livro de Poemas

Lançado em 1927 com 300 exemplares, o *Livro de Poemas* possuía 40 poemas nos quais o poeta coloca a sua representatividade local com características regionais. No entanto, escreve de forma singular e pessoal, não seguindo regras nem programas. Câmara Cascudo, que escreveu o posfácio do referido livro sob o título “Depoimento de Luís da Câmara Cascudo sobre o livro de poemas de Jorge Fernandes”, situa o poeta no contexto do movimento modernista com o devido cuidado para descartar a filiação deste com qualquer corrente literária. A ligação do livro de Jorge Fernandes com o modernismo dá-se através da brasilidade contida na obra, porém caracterizada pelo tom pessoal, usando uma ligação entre o rural e o urbano, fazendo o intercâmbio entre o sertão e o litoral.

Na *Revista de Antropofagia* (Ano I, nº 1, maio 1928, p. 4), Antônio da Alcântara Machado resenhou o livro com admiração pela forma como o poeta enfatiza a vida sertaneja, colocando também de forma crítica a dificuldade de leitura para os leitores do sul devido ao uso de termos regionais. Os pequenos defeitos colocados pelo crítico, o próprio Jorge Fernandes reconhece em suas reminiscências pamasianas. Por fim, tal crítico aponta dois dos grandes momentos do poeta: os aspectos da vida sertaneja e a busca de expressão modernista.

Seguindo o mesmo padrão, Mário de Andrade registra em *O Turista Aprendiz*, a sua admiração pelo *Livro de Poemas* afirmando que o livro “ [...] possui coisas esplêndidas, das mais nítidas, das mais humanamente brasileiras da poesia contemporânea”. (ANDRADE, 1983, p. 237).

O que é identificado nos três críticos é a preocupação com o nacionalismo, fator esse sempre presente na poesia jorgeana embora em forma de Regionalismo. Segundo Humberto Hermenegildo, Jorge Fernandes procurava o moderno longe das grandes cidades como um representante modernista, através da língua brasileira, o que acaba por usar uma linguagem nordestina e o conseqüente uso do Regionalismo.

No referido livro, o poeta se volta para a cidade de Natal que foi sua fonte de inspiração, o que explica a pureza de sua obra <sup>de que</sup> onde ele se coloca sempre de volta ao passado, sempre presente nas características provincianas de sua cidade. Entre os quarenta poemas, três se destacam no contraste com o poema “Moderno” que se localiza no centro do livro. Depois de “Remanescente” seguem-se mais quinze poemas e aparece então “Moderno”, depois seguem mais quinze poemas e aparece “Cantilena”. Depois deste último seguem-se mais seis até o último poema do livro: “Arapucas”. Tanto o primeiro poema quanto o último aparecem como desejo de uma tradição que se perdeu e o poeta procura resgatar. O poema central busca justamente justificar a sua poesia como sendo modernista:

Moderno...

Tomou o martelo todo cheio de barro  
 E tocou a destruir todo verso bem feito...  
 Malhou nas orgivas dos decassílabos: - taltá!tá!  
 [...]  
 E sobre o montão novo de ruínas de versos sonóros  
 Começou a viçar toda a vegetação alegre da terra:  
 Pés de jurubébas, canapuns, pinhões se erguiam...  
 E flôres que ainda não foram vistas: azues – amarelas – vermelhas – pintadas.  
 [...]

Embora emocionalmente o poeta apresente por vezes, temas ou momentos românticos, tem o domínio da técnica modernista, o bastante para ser considerado com justiça o precursor do espírito de 22 no contexto literário norte-rio-grandense.

A liberdade formal aparece nos poemas onde o poeta não segue mais o modelo parnasiano do “soneto” mas está presente, sobretudo nos temas escolhidos como se percebe no seguinte poema. Como já indica o seu título, o “novo” é o elemento fundamental a ser evidenciado:

O Bonde Novo

O bonde que inauguraram

anda cheio
nem  
+  
ouvir
mal?
 É amarelo e muito claro...  
 Sua campa bate alegre e diferente das outras...  
 E seus olhos vermelhos indicam Petropolis...  
Anda sempre cheio porque é nôvo...  
 Chega na balustrada espia o mar...  
E os passageiros todos nem olham p'ro mar...  
Só vêem o bonde novo...  
Só ouvem a campa nôva...

Aquele bonde só devia sair aos domingos  
 Pois êle é a roupa domingueira  
 Da Repartição dos Serviços Urbanos...

O “novo” que aparece neste poema surge em uma conjuntura bastante favorável: na segunda metade da década de 20, o governo federal começou a implementar uma política de planejamento para as cidades nordestinas. No estado do Rio Grande do Norte teve forte ação o governo de José Augusto (1924-1928) com a criação do Serviço do Algodão no Estado, para incentivar o beneficiamento e comercialização do mesmo, assim como o governo de Juvenal Lamartine (1928 -1930), que prosseguiu a política de valorização do algodão.<sup>36</sup>

A cidade de natal durante esse período, começa a passar por transformações, sendo de grande importância a incorporação de alguns elementos modernos ao seu dia a dia, o que estimulava entre os intelectuais locais o debate sobre o moderno e o tradicional. Tais fatores permitiam a formação de um ambiente propício à elaboração de um modelo artístico local. Tal modelo teve entre seus principais representantes o poeta Jorge Fernandes.

A inspiração para a produção dos poemas vem de Natal, que a partir de 1924, com o governo de José Augusto (1924-1928), até o final da década, sofreu modificações importantes, como se modernizar para acompanhar o ritmo do comércio do algodão que trazia elementos modernizantes para a capital como a presença constante de aviões e automóveis. Neste período os dois governadores, José Augusto e Juvenal Lamartine, representavam a economia do algodão e da pecuária, portanto levaram adiante o programa com incentivo à industrialização, o combate ao cangaceirismo e o voto feminino. Essa nova realidade lutava com a tradição que permanecia com suas raízes firmes na estrutura social.

<sup>36</sup> SOUZA, Itamar de. *A República Velha no Rio Grande do Norte. (1889-1930)*. Natal. Centro Gráfico do Senado federal, 1989. p.63.

Nos seus poemas Jorge Fernandes apresentava as duas realidades, pois estes elementos convivem na mesma cidade que se transforma de dia e à noite retoma seu ar tradicionalmente parnasiano. Dessa forma, o poeta trabalha esse contraste através da ironia, que tem como forma de expressão as reticências destacando a sua busca por outro ambiente capaz de expressar a sua poesia.

No poema “Canção do Litoral”, está presente a brasilidade e o seu amor à Natal dos anos 20, que apresentava elementos sertanejos, regionais e ainda sinais de modernização:

Com a sola dos pés molhadas de água salgada  
 Me trepei nos morros de areia torrada de sol...  
 E olhei p`ro mar muito grande  
 E me casquei p`ro mato...  
 [...]  
 Dormi sossegado  
 De papo pra cima  
 Debaixo de um grande pereiro...  
 As serras eram que nem os morros  
 E eu fiquei triste pensando nos morros  
 De areia torrada de sol...  
 [...]

A ligação que o poeta apresenta entre o interior e a capital está representando a ligação entre Natal e o interior, que foi possibilitada a partir da construção de estradas para escoamento da produção de algodão, e tal fato é evidenciado sutilmente neste poema.

Nesta nova realidade o poeta coloca ainda em quatro poemas o elemento mais representativo dessa mudança processada em Natal, qual seja, o avião que está presente nos poemas: “Jahú”, “Aviões” 1, 2 e 3. Poemas caracterizados pela onomatopéia, usada para dar vida e movimento à poesia modernista — ironia do poeta em colocar o automóvel como sendo um transporte já ultrapassado, visto que o avião se tornara algo real e cotidiano no mundo moderno, destacando sempre estes fatores com uso de expressões regionais:

## Aviões 1

Novecentos e cinquenta cavalos suspensos nos ares...  
 - Bezouro roncando: Zum...Zum...umumum...  
 Aonde irá aquele Rola-titica parar?  
 [...]  
 Depois desce no Rio Grande numa pirueta danisca  
 Desembestado, espalhando a água...  
 E fica batendo o papo, cansado de voar.

## Aviões 2

*invans do boninho*

Lá vae o automóvel fazendo zuada por cima da gente...  
Não encontra porteira fechada no Seridó!...  
 Não faz catabio...  
Lá vae roncando que nem rodête de uma farinhaada... }  
Não paga gorgêta aos meninos que abrem porteiros nas fazendas...  
 [...]

*majual.*  
*total sentido.*  
*arruizens*

## Aviões 3

*estive?*

O dia todo os olhos estiveram sobre o oceano  
Para vêr ARGOS...  
 Durante o dia nenhuma asa de alumínio brilhou no sol  
 De Bolama a Natalnum vôo directo...  
 ? - Tardinha-  
 { Da linha do mar um avião amarou  
 Pegando fogo num fumaceiro de nuvens... }

*avida?*

Outro poema que podemos destacar em sua poética modernista é o poema Jahú, que usa a brasilidade através do nacionalismo e da vanguarda presente no poema. Está presente aí a complexidade de poesia de Jorge Fernandes, que consegue dar vida modernista à sua poesia ainda que usando termos regionalistas. Tais poemas indicam o poeta urbano que foi Jorge Fernandes. Marcado pelo impasse entre registros tradicionais e o registro modernista, o que marcará será a sua regionalização, no entanto reforçando primeiramente a sua brasilidade:

jahú

- Prei!Prei!Prei!

Lá vêm os paulistas escanchados no seu

Cavalo de pau côm de café pilado...

Curupira bateu – tres vezes – quatro vezes – Cinco vezes

Com o pé no chão vigiou as grossas árvores

Das grandes florestas e gritou pras terras de África:

- Eles Vêm!

E os anaguéras vieram todos cheios de óleos e' sujus

De poeira das terras feias...

Passaram por sobre os mares e as terras verdes

- Norte a Sul – aos gritos alegres dos periquitos – Crá!Crá!crá!

Aos gritos dos cabôcos: - viva!viva!Vivôôô!

Aos gritos dos estrangeiros: - biva!ó brasile!bibô!

- Lê bresile!

- Uberale brasiliense!

- Ipê!ipe!urra!ipe!ipi!urra!

*Como paulistas*

Os poemas apresentados ao longo deste trabalho revelam o modo como o poeta apreendeu o moderno, caracterizando-se como modernista, a exemplo de muitos outros poetas, em realidades diversas, e agindo como personagem de uma história que não é apenas “natalense”, se atentarmos para as observações de (BRADBURY; Mc FARLANE)<sup>37</sup>:

O modernismo tem sido usado de forma semelhante ao romantismo, para sugerir o perfil geral das artes do século XX. [...] O termo tem sido utilizado para abarcar uma ampla variedade de movimentos de subversão do impulso realista ou romântico e inclinados à abstração (impressionismo, pós-impressionismo, expressionismo, cubismo, futurismo, simbolismo, imagismo, vorticism, dadaísmo e surrealismo), mas mesmo eles, não pertencem todos ao mesmo gênero, e alguns são reações radicais contra outros. Em algumas nações, o modernismo pareceu fundamental para a evolução da tradição artística e literária, em outras, pareceu simplesmente chegar e ir embora.

<sup>37</sup> Citado em HERSCHMANN, Micael M; PPEREIRA, Carlos Alberto Messeder. A invenção do Brasil moderno. 1994, p.17.

Mesmo fazendo parte desta constelação geral apontada acima, Jorge Fernandes apresenta, contudo, uma peculiaridade que interessa a esta leitura: o seu modernismo possibilita uma visão sobre a modernização da cidade do Natal em um período específico, e se constitui como uma memória daquela época. Neste sentido, a História só pode problematizar a referida época se investir, através da interdisciplinaridade, no universo da literatura.

A partir da leitura apresentada no presente trabalho, evidencia-se que o *Livro de Poemas de Jorge Fernandes* respondeu ao programa modernista do início da década de 20, programa esse relacionado com a crítica ao passadismo e à criação de uma arte modernizante. O modelo seguido pelo poeta foi antes de tudo original, pelo principal fator de ter sido produzindo independente de escolas literárias e modelos, visto que o poeta possuía como pano de fundo para a sua produção a provinciana capital potiguar.

## CONCLUSÃO

Destacando o presente trabalho como sendo algo inicial em termos acadêmicos, a conclusão que pode ser feita refere-se à limitada pesquisa. É importante porém, destacar que a partir de tal material existe a possibilidade de formulação de novas pesquisas e resultados.

Dessa forma, uma primeira conclusão a que ~~se~~ chega esté estudo é que o Rio Grande do Norte recebeu o movimento modernista de forma peculiar, ou seja, adequou o movimento ao seu modo de vida provinciano. Inserido em um contexto em que mudanças se processavam continuamente no Brasil, de forma particular em cada cidade, o Rio Grande do Norte encontrou em sua capital o campo propício a tais ações modernizantes.

Apoiando a pesquisa em elementos presentes na poesia de Jorge Fernandes, foram analisadas as mudanças ocorridas na política e economia com conseqüente transformação no campo cultural e social, inserindo-se aí a literatura, que tem como seu representante o *Livro de Poemas*, objeto principal de tal pesquisa. A partir desse estudo pode-se afirmar que o principal fator transformador dos anos 20 no Rio Grande do Norte foi a mudança política e o conseqüente desvio do eixo econômico da oligarquia açucareira para o eixo da economia algodoeira. Tais mudanças se processaram primeiramente em âmbito nacional e se desencadearam para eixo estadual.

Tal fator merece destaque pela sua diferenciação do momento anterior aos anos 20. Nesta década houve uma mudança qualitativa no que diz respeito ao surgimento de outras expressões culturais e artísticas. Essas mudanças encontraram apoio principalmente em Luís da Câmara Cascudo, que se destacou pela sua independência com relação ao poder local, no entanto integrado com este para possibilitar o desenvolvimento do movimento.

Deve-se destacar também a interação entre a capital e o interior, possibilitada pelo comércio do algodão, que não foi o fator primordial para a pregação regionalista, no entanto teve importante papel no que diz respeito a elementos presentes na poética de Jorge Fernandes, entre outras produções literárias locais. O poder executivo local também deu impulso à vida urbana na capital e é neste processo de interação entre capital e interior que aparece a poesia jorgeana com sua mistura de elementos: vocabulário regionalista com escrita modernista.

A leitura da produção poética de Jorge Fernandes em seu *Livro de Poemas* relacionada com a visão mais geral do processo de modernização de Natal durante a década de 20, revela que a temática do modernismo se fez presente no contexto local da mesma forma que esteve presente no contexto nacional do período.

Essa relação do nacional com o local era propiciada por elementos que exaltavam a brasilidade, fator determinante na produção artística nacional da década de 20. Exaltada em Jorge Fernandes de forma regional e muito particular, visto que a interação entre o litoral e o sertão era sempre colocada em sua poética, porém colocada em um contexto modernizante da capital potiguar, que como outras capitais do país recebia continuamente o ideal do capitalismo internacional.

Personagem de grande importância para o modernismo potiguar Câmara Cascudo desenvolveu em seu papel de crítico e “militante” do modernismo, o trabalho de divulgador do movimento na capital potiguar tanto em âmbito nacional, através de suas correspondências constantes com Mário de Andrade, quanto em âmbito local, através de seus artigos publicados em jornais locais principalmente a partir de 1924. Consta-se que foi a partir deste referido ano que o modernismo tomou espaço na imprensa local, principalmente a divulgação de sua poética sendo destacada aqui a do poeta Jorge Fernandes.

No que se refere à produção poética local durante o período mencionado, o *Livro de Poemas*, analisado como um objeto que possui uma leitura da dinâmica da cidade do Natal, relaciona-se com o contexto social da época em questão e torna-se o mediador entre o cotidiano local da década de 20 e a pesquisa feita sobre esta. Coloca em sua poética a coexistência entre a modernidade e a problemática local em uma capital ainda provinciana.

Concluimos então que a poesia de Jorge Fernandes foi representativa de uma dinâmica modernizante na cidade do Natal durante a década de 20. Ainda que usando termos regionais em um perfil modernista, o poeta retratou em sua referida obra a sociedade e a vida moderna de sua cidade, sendo portanto o objeto de estudo no qual baseamos nossa pesquisa interdisciplinar, visto que utilizando material de cunho inicialmente literário chegamos a obter o resultado de uma pesquisa de cunho histórico.

## FONTES

A REPÚBLICA. Natal, 06, janeiro, 1925.

A REPÚBLICA. Natal, 12, outubro, 1928.

A REPÚBLICA. Natal, 13, outubro, 1928.

A REPÚBLICA. Natal, 27, outubro, 1928.

A REPÚBLICA. Natal, 18, novembro, 1928.

A REPÚBLICA. Natal, 19, dezembro, 1928.

A REPÚBLICA. Natal, 19, abril, 1929.

## BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Alenuska Kelly Guimarães. *A alma da cidade: a energia elétrica em Natal (1905-1920)*, p. 23. Monografia (Graduação em História) UFRN, Natal, 2003.

ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. 2.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

\_\_\_\_\_. *Cartas de Mário de Andrade a Luiz da Câmara Cascudo*. Introdução e notas de Veríssimo de Melo. Belo Horizonte. Rio de Janeiro: Villa Rica, 1991.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal. UFRN. Ed. Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. *O lirismo nos quintais pobres: a poesia de Jorge Fernandes*. Natal: Fundação José Augusto, 1997.

\_\_\_\_\_. *Asas de Sófia: ensaios cascudianos*. Natal: FIERN; SESI, 1998.

AZEVÊDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 34 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

\_\_\_\_\_. As Letras na Primeira República. In: FAUSTO, Boris (Dir). *História geral da civilização brasileira*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990. t. 3, v. 2, Cap. 8.

CARVALHO, José Murilo de. Forças Armadas na Primeira República: o Poder Desestabilizador. In: FAUSTO, Boris (Dir). *História geral da civilização brasileira*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990. t. 3, v. 2, cap. 5.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia República: momentos decisivos*. 4 ed. São Paulo. Brasiliense, 1987.

COSTA, Maria Suely da. Revistas literárias do Rio Grande do Norte: ícones das letras novas de nossa terra e outras terras nos anos 20. In: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de (Org). *Histórias de Letras: pesquisas sobre a literatura no Rio Grande do Norte*. Natal: Scriptorim Candinha Bezerra; Fundação Hélio Galvão, 2001. p. 31-62.

HERSCHMANN, Micael M; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. (Org). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Classes Médias Urbanas: formação, Natureza e Intervenção na Vida Política. In: FAUSTO, Boris (Dir). *História Geral da Civilização Brasileira*. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990. t.3, v. 2, cap. 1.

FERNANDES, Anchieta. *Desenhistas Potiguaras: caricaturas e quadrinhos*. Natal: Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Natal, 1973.

\_\_\_\_\_. *Écran Natalense: Capítulos da História do cinema em Natal*. Natal: Sebo Vermelho, 1992.

GICO, Vânia de Vasconcelos. *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: Uma sedução Epistolar*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília, n.30, p.110-124, 2002.

MELO, Veríssimo de (Org). *Livro de Poemas e Outras Poesias*. Natal: Fundação José Augusto, 1970.

FERREIRA, José Luiz. O Modernismo na Província: divulgação e Produção Poética. In: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. (Org). *Histórias das Letras: pesquisas sobre a Literatura no Rio Grande do Norte*. Natal: Scriptorim Candinha Bezerra; Fundação José Augusto, 2001.

LE GOFF, Jacques. Antigo e moderno. In: HERSCHMANN, Micael M; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. (Org). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MACHADO, João Batista. *Perfil da República no Rio Grande do Norte. (1889-2003)*. Natal. Deptº Estadual de Imprensa, 2000.

MELO, Manoel Rodrigues de. *Dicionário da imprensa no Rio Grande do Norte (1909-1987)*. São Paulo: Cortez; Natal: Fundação José Augusto, 1987.

MENDONÇA, Sônia Regina de. Estado e Sociedade: a consolidação da República Oligárquica. In: LINHARES, Maria Yedda. (Org.). *História Geral do Brasil*. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1990. Cap. 6, p. 256-260.

MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à história do Rio Grande do Norte*. 2 ed. Natal: Cooperativa Cultural Universitária, 2002. Cap. 5, p. 203-247.

PEREIRA, Francisco das Chagas. *Leitura de Jorge Fernandes*. Natal. Nordeste Gráfica. Fundação José Augusto, 1985.

SOUZA, Itamar de. *A República Velha no Rio Grande do Norte (1889 -1930)*. Natal. Centro Gráfico do Senado Federal, 1989..